

## CONTRIBUIÇÕES PARA A CONTEMPORANEIDADE – MICHEL FOUCAULT E A INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Silvia Cristina Soares Cecílio Paixão - UEMS

**Resumo:** Este artigo baseia-se nas reflexões acerca do papel da escola, enquanto dispositivo de controle e mecanismo de disciplinamento, não com o objetivo de favorecer o pleno desenvolvimento do aluno que contribuiria para a sua emancipação, mas sim como uma fábrica de sujeitos necessários a manutenção do sistema de poder vigente, observada sob a perspectiva dos estudos de Michel Foucault. O procedimento metodológico utilizado para embasar este estudo, foi a pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de poder, verdade, saber e discurso, com o propósito de analisar o papel da escola enquanto instituição que atua como instrumento de regulação e manutenção de verdades.

**Palavras-chave:** Foucault; Educação; Controle; Disciplina e poder.

**Abstract:** *This article is based on the reflections about the role of the school, as control device and mechanism of discipline, not with the objective of favoring the full development of the student that would contribute to its emancipation, but rather as a factory of necessary subjects the maintenance of the system of power in force, observed from the perspective of the studies of Michel Foucault. The methodological procedure used to support this study was the bibliographical research on the concepts of power, truth, knowledge and discourse, with the purpose of analyzing the role of the school as an institution that acts as an instrument of regulation and maintenance of truths.*

**Keywords:** *Foucault; Education; Control; Discipline and power.*

### Introdução

Primeiramente faremos apresentaremos uma breve biografia do Filósofo francês contemporâneo, Michel Foucault, nasceu em outubro de 1926 em Poitiers, na França. Filho de médicos, não seguiu a carreira de seus pais, interessando-se pela filosofia e história. Aos vinte anos de idade, conseguiu entrar na École Normale e dois anos depois, após uma tentativa de suicídio foi internado, acusado de ser louco por seu próprio pai. Mais tarde, entrou para a Escola Normal Superior de Paris, e teve entre seus tutores, Jean Hyppolite e Louis Althusser.

Dedicou seus estudos e reflexões sobre temas como poder e conhecimento. Publicou seu primeiro livro aos vinte e oito anos: "Doença Mental e Personalidade". A tese apresentada para a obtenção do doutorado, em 1961 na Sorbonne, é considerada um de seus maiores clássicos: "História da Loucura na Idade Média".

Reconhecido como um dos intelectuais contemporâneos de maior influência,

Foucault é um pensador de temáticas muito amplas, pois visitou muitas áreas de estudo; em entrevista ao programa: “Quem Somos Nós?”, o professor doutor Oswaldo Giacoia Junior responde sobre quem foi Michel Foucault:

“Foi um intelectual, que exerceu uma ação e uma influência considerável em vários ramos do saber, do conhecimento: na filosofia, na psiquiatria, na psicologia, na história, na sociologia, na antropologia, nas artes, na política. Teve uma trajetória acadêmica brilhante como professor e uma atuação militante, também política extraordinariamente expressiva. Eu acho que foi com certeza, uma das cabeças mais lúcidas que o nosso século passado produziu”. (Transcrição do vídeo publicado em 12 de setembro de 2016).

Atuou como professor universitário em vários países e como psicólogo em hospitais e penitenciárias. Esteve no Brasil pela primeira vez em 1965, e voltou quatro vezes. Sua última visita foi em 1976, período em que o país ainda estava sob o regime militar.

Participou de inúmeras conferências, posteriormente editadas e publicadas, escreveu artigos e livros que demonstram sua maneira peculiar de observar o mundo, sempre pensando como as relações de poder se constituem e determinam a forma do sujeito. Faleceu aos 57 anos, em 1984 na França, em decorrência de complicações causadas pela AIDS.

### **Escola: aparelho ideológico**

“O poder produz saber (...), não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder”. (FOUCAULT, 1999, p. 31).

Considerada, pela maioria da população como uma instituição democrática e como uma das formas para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária, a escola é, antes de tudo, uma instituição projetada com um objetivo específico: perpetuar como

universal e natural, a ideologia da classe social dominante. Viver em comunidade, aprender com os mais velhos os hábitos e costumes, aprender ao fazer e observar os outros não necessitava de uma instituição específica destinada a este fim. A educação desta forma não era tida como função de uma pessoa e não necessitava de um lugar para ser repassada e/ou ensinada.

A escola surgiu na Europa, a partir do século XVII, sendo destinada à nobreza. Foi somente com a Revolução Industrial que a escola se configura nos moldes como a reconhecemos hoje. A necessidade de mão de obra com um mínimo de qualificação fez com que a educação destinada à classe operária, atendesse aos interesses da classe dominante:

“Não se pode entender o desenvolvimento das forças produtivas próprias ao capitalismo; nem imaginar seu desenvolvimento tecnológico sem a existência, ao mesmo tempo, dos aparelhos de poder. No caso, por exemplo, da divisão do trabalho nas grandes oficinas do século XVIII, como se teria chegado a esta repartição das tarefas se não tivesse ocorrido uma nova distribuição do poder no próprio nível da organização das forças produtivas?”. (FOUCAULT, 1979, p. 122).

Pensar o papel da educação ao longo da evolução da história humana faz-se extremamente necessário para que possamos compreender a dicotomia: educar para a vida ou educar para viver em sociedade? A educação tem o poder de mudar a sociedade ou a sociedade é quem muda a educação?

Para de discorremos sobre o tema, é preciso pontuar que se considerarão as implicações das condições de produção para a manutenção das relações de poder que regem a sociedade. Ao longo da história da humanidade, a visão sobre a escola foi transformada, contudo, seu papel enquanto aparelho ideológico a serviço do estado permanece. Nas palavras de Althusser (1985, p. 78), “(...) todos os aparelhos ideológicos de Estado, quaisquer que sejam, concorrem para o mesmo fim: a produção das relações de produção, isto é, das relações de exploração capitalista”.

### **Escola: controle e disciplina**

“A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. E preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares”. (FOUCAULT, 1999 p. 62).

Considerada por Foucault, a escola é uma das instituições de verdade e poder, contudo, é pertinente lembrar que a educação não foi o foco de suas pesquisas, o tema principal de seu trabalho sempre foi o sujeito: como são constituídos.

O diálogo entre suas pesquisas e a educação é possível quando pensamos na articulação pedagógica, que tem entre seus objetivos a formação do sujeito. Portanto, sob a perspectiva dos estudos de Michel Foucault, discorreremos sobre o papel da escola enquanto mecanismo de disciplinamento e dispositivo de controle sobre o sujeito.

Ao observar instituições como prisões, asilos, fábricas e os exércitos, Foucault percebeu nestes locais, formas de vigilância e adestramento do corpo, instituições onde o poder se manifesta.

“Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (...) É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. (FOUCAULT, 1987, p. 163).

Com a função de atender a objetivos determinados por uma classe social dominante, a instituição escola, surge como instrumento de garantia e fortalecimento do poder desta classe que procura perpetuar seu controle sobre as demais. Libâneo reforça este discurso e ajuda-nos a compreender a ideia que perpassa as formações discursivas sobre o papel da escola no decorrer dos anos:

“A escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo; para tanto, emprega a ciência da mudança de comportamento, ou seja, a tecnologia comportamental. Seu interesse imediato é o de produzir indivíduos ‘competentes’ para o mercado de trabalho, transmitindo eficientemente, informações precisas, objetivas e rápidas.” (LIBÂNEO, 1984, p. 29).

Assim, conforme observavam nas fábricas, prisões e outras instituições em sua época, Foucault discursava sobre como o controle e a disciplina era explorada, duas obras merecem destaque em relação a este assunto: *Microfísica do Poder* (1979) e *Vigiar e Punir* (1975); relações de poder determinam todo o funcionamento de uma macroestrutura e na escola, por conseguinte, também é estabelecida a relação de poder ao exercer o controle e disciplina sobre o sujeito, ou seja, os modos de subjetivação sobre o sujeito. Corroborando esta afirmação, Rodrigues (p. 21, 2011) “(...) ele se constitui social e historicamente, o que equivale dizer que é no seio, e só nele, de grupos quer étnicos ou sociais que o indivíduo nasce e se forma”, constituindo-se desta forma, como sujeito.

### **Escola: verdade e relação de poder**

Avançando com a proposta de trabalho deste artigo sobre as reflexões acerca do pensamento de Michel Foucault, não poderíamos deixar de considerar as formas de organização, seleção e distribuição dos discursos de verdade. Pois é desta forma que o discurso histórico é constituído, estes são os procedimentos necessários para evitar acontecimentos que poderiam desafiar a sua ordem, “mas, o que há enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?”. (Foucault, p. 8, 2001).

O perigo está exatamente na proliferação de novos discursos que poderiam materializar-se ideologicamente. Pensamentos que, ao “entrar na ordem do discurso” assumiriam poder de verdade, pois, todo discurso se apresenta como verdade material que o sujeito pratica ritualizando verdades. Desta forma:

“[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. (Foucault, 2001, p. 9).

A escola, como produtora de conhecimentos que são passados aos alunos, é uma das instituições que tem o poder de verdade; que exerce os procedimentos de exclusão para um discurso que for considerado proibido pela classe dominante. Exclusão que se concretiza por meio da interdição, separação/rejeição ou oposição (verdadeiro/falso) (Foucault, 1970); o exercício do poder está diretamente ligado à produção de saberes.

“O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizada aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação: nunca é o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outro termo, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles”. (FOUCAULT, 1979, p. 103).

É o sistema de poder que determina quais discursos de verdade devem circular, para o autor a verdade é histórica, produto de uma época, portanto, o que foi verdade há cem anos, hoje não é mais. Isto em decorrência das mudanças das condições de produção deste discurso de verdade, condições que são configuradas e reconfiguradas em decorrência da produção de novos conhecimentos para entender os fatos do mundo.

“Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”

(Foucault, 2001, p. 44), o poder produz saber. Embora nossa discussão esteja voltada para a produção de verdade, ou seja, os discursos perpetuados na instituição escola, é preciso atentar-se de que as formas como as relações de poder exercem controle da/na sociedade, são as mesmas, rituais de exclusão e rejeição fazem parte do cotidiano da população, o poder do discurso atua na sociedade e nos sujeitos.

“A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro”. (FOUCAULT, 1979, p.10).

Ao analisar as relações de poder que se fazem presente nas relações entre sujeitos, Foucault explica que a produção de saberes é conduzida no exercício do poder. Poder que sem um rígido dispositivo de vigilância poderia ser reduzido. Saber é poder, por conseguinte, com o acesso ao saber, diminuir-se-iam a força deste poder sobre as classes opressoras. Portanto, vigiar é um dos fatores determinantes na construção, seleção e distribuição de conhecimentos.

### **Considerações finais**

Buscou-se neste artigo, sob a perspectiva dos estudos de Michel Foucault, observar o papel da escola, identificando-a enquanto dispositivo de controle e mecanismo de disciplinamento; como uma fábrica de sujeitos necessários a manutenção do sistema de poder vigente. Uma instituição que não tem como principal objetivo, a busca pelo desenvolvimento do aluno, com vias a favorecer sua emancipação e pensamento crítico para transformar e/ou questionar a realidade na qual está inserido.

O autor estudado nos apresenta de forma reveladora, uma maneira de observar a história por meio de outra perspectiva. Revela-se que as relações de poder estão

diretamente ligadas à produção de conhecimento e condições de produção do discurso. Oriundo de uma luta pelo poder, o conhecimento não pode ser observado sem ser relacionado com o poder.

“O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem, se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras”. (FOUCAULT, 1979, p. 17).

Fruto de relações de poder, o conhecimento para Foucault, legitima o discurso dominante, na mesma medida em que o discurso dominante legitima o conhecimento que passa como discurso de verdade. Os processos de produção deste conhecimento influenciam diretamente os mecanismos de controle necessários à sua manutenção.

Como foi observado decorrer do texto, a instituição escola enquanto aparelho ideológico de estado funciona como um dispositivo de regulação de discursos que garantem essa legitimidade do sentido de verdade para cada grupo social. Situação que podemos visualizar quando exemplificado de que forma os discursos são organizados, validados, selecionados e distribuídos. O controle sobre estes instrumentos é uma forma de poder. Ao selecionar quais discursos podem circular, quais devem ser silenciados; como podem ser enunciados e as formas de enunciação, deparamo-nos com a ritualização da verdade.

A instituição decide se o saber aplicado a uma sociedade deverá ser valorizado, distribuído e repartido; a vontade de verdade, a oposição entre o verdadeiro e falso, é apresentado nos estudos foucaultianos como forma de controle exercido pela classe dominante. Controle que foi ilustrado no livro: “A ordem do discurso” (publicado em 1971) quando são apresentadas as formas de controle sobre o discurso do louco, enunciação que no decorrer da história foi interdito, separado, excluído até perder a verdade, a importância e não ser mais ouvida.

O controle exercido por meio de regras e vigilância constante está presente em todas as instituições, a sociedade internalizou estas regras e toma-as como naturais e universais, perpetuando assim a forma como são produzidas as condições de produção.



Contudo, de maneira contraditória, uma forma de diminuir este poder é o saber, é o conhecimento. Por isso a reflexão sobre o papel da escola com as contribuições da análise do discurso, em especial, com os estudos deste filósofo que marca a contemporaneidade com seus argumentos sobre a constituição do sujeito. O que forma o sujeito é a combinação entre saber e relação de poder.

“Como podemos ver, esta grande transformação dos procedimentos de saber acompanha as mutações essenciais das sociedades ocidentais: emergência de um poder político sob a forma do Estado, expansão das relações mercantis à escala do globo, estabelecimento das grandes técnicas de produção. Mas também podemos ver que, nestas modificações do saber, não se trata de um sujeito de conhecimento que seria afetado pelas transformações da infraestrutura. Trata-se sim de formas de poder-e-de-saber, de poder-saber que funcionam e se efetivam ao nível da "infraestrutura" e que dão lugar à relação de conhecimento sujeito-objeto como nome do saber. (FOUCAULT, 1979, p. 67).

Outra questão de grande relevância é a descoberta de que a verdade é histórica, uma luta entre sujeitos, entre poderes e que não existe verdade única. Observa-se então, a fragilidade do conceito de verdade que temos construído. A escola, como apresentamos nas páginas anteriores, é um dos locais aonde o discurso de verdade se materializa. Qual verdade? Novamente, percebe-se a fragilidade do saber e a necessidade de controle sobre tudo o que é enunciado.

O poder encontra-se na enunciação, não em quem está enunciando; e não são todos que tem a permissão para enunciar. Novamente temos os instrumentos para a regulação do discurso, a verdade validada por meio de rituais de contraposição: verdadeiro X falso. O discurso não é o se traduz na luta, “mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (Foucault, 2001, p. 10).

As contribuições do pensamento de Foucault nos auxiliam para ponderar sobre os problemas enfrentados pela instituição escolar na atualidade, são inquestionáveis

quando se propiciam novas abordagens para desmistificar o papel que a escola desempenha e sua construção histórica. Considerar o adestramento do corpo e da mente, a vigilância exercida sobre os sujeitos por todas as instituições a serviço do poder vigente, auxilia-nos a compreender o processo de formação do sujeito.

A escola precisa ser observada também como local aonde as relações de poder estão em conflito, ela não é neutra, unilateral ou democrática. É necessária uma reflexão sobre o trabalho pedagógico, sobre a rotina estabelecida, os dispositivos de exclusão presente no sistema educativo, vistos como uma forma de punição ao sujeito que foge à regra estabelecida, sobre aquele que não se adéqua a forma.

Outro fator que merece destaque neste momento é o fato de a escola ser local de apropriação de saber. Esta dicotomia do papel exercido pela instituição em questão merece ser explorada. O que nos remete aos pensamentos de Michel Foucault – como crítico das instituições que pretendem criar corpos dóceis – ao pensar na possibilidade de mudança das práticas pedagógicas, das formas como as relações de poder estão postas em sala de aula e como novos sentidos podem ser atribuídos aos discursos de verdade.

É importante considerar que as reflexões apresentadas neste momento procuram articular os estudos e conceitos da Análise de Discurso com a educação contemporânea. Assim, consideramos que há possibilidade de aproximação entre os problemas enfrentados em sala de aula e sua relação com os mecanismos de controle impostos pelo poder vigente.

As relações de produção são reproduzidas no contexto escolar e, faz-se necessário visualizar o poder enquanto estrutura uma rede que se entrelaça em micropoderes, que subjetiva o sujeito e perpetua estas relações.

O exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder. (...) O humanismo moderno se engana, assim, ao estabelecer a separação entre saber e poder. Eles estão integrados, e não se trata de sonhar com um momento em que o saber não dependeria mais do poder (...). Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder. (FOUCAULT, 1979, p.67).

Repensar a história, a influência das relações de poder na/para a sociedade,



conhecer os processos de construção dos discursos de verdades, observar o homem enquanto sujeito que é atravessado pela ideologia, articular novas formas para atribuir sentido aos discursos das classes dominantes, este são apenas alguns aspectos positivos quando procura-se entender e estudar Foucault: a possibilidade de novos pensamentos sobre antigas práticas.

### **Referencias Bibliográficas**

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 1984.

RODRIGUES, M. L. *Linguagem, identidade, gênero, história*. In: *Questão das cotas: uma questão de identidade (afirmação e/ou negação)*. Rio de Janeiro, Ed. Litteris, p. 13 - 47), 2011.